

FEEDBACK NÃO VERBAL E FILTRO AFETIVO: UM ESTUDO DE CASO REFLEXIVO SOB A PERCEPÇÃO DO DOCENTE

Antônio do Rego Barros Neto^{*}

Bruna Cristina Bonfim da Silva^{**}

Humberto Moreira Barros Filho^{***}

Para Pessoa e Borelli (2011) cabe aos próprios professores formularem teorias sobre o processo de aquisição de conhecimento em sala de aula tentando assim encontrar uma maneira que o ensino seja pautado pelo contexto e que resulte em resultados positivos para aprendizagem de todos os alunos. Isto é o que eles chamam de refletir criticamente sobre o ensino. Essa pesquisa surge com o intuito de refletir sobre os problemas existentes dentro de sala de aula resultantes da comunicação, em específico os que dizem respeito ao baixo filtro afetivo e *feedback* negativo.

Temos em mente que o professor enfrenta em sala de aula diversas situações que em alguns casos fogem sua formação clássica. Além dos conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica, o professor deve se ater a fatores extralinguísticos que permeiam sua sala de aula. Utilizamos como eixo de conhecimento, os pressupostos da Linguística Aplicada Crítica que extrapola o contexto da sala de aula, e enxerga os alunos e professores de línguas como sujeitos corporificados e a sala de aula como um ambiente no qual as relações sociais são constantemente reproduzidas e modificadas. (WIDDOWSON, 1984 *apud* FREITAS; PESSOA, 2012).

Esta pesquisa visa a repensar a prática e ampliar a percepção comunicativa dos profissionais da área chamando a atenção ao potencial comunicativo que a linguagem não verbal tem a oferecer dentro de sala de aula. Segundo Merhabian (1977), 65% do contexto de

^{*} Graduado em Letras – Inglês pela Universidade de Brasília (2009), especialização em Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias pela Faculdade de Iporá (2014) e mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (2015). Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando, principalmente, nos seguintes temas: História em Quadrinhos, Romance reportagem e Literatura Comparada.

^{**} Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

^{***} Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2012). Especialista em Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias pela Faculdade de Iporá e Faculdade Itapuranga (2014). É professor titular da Fundação Richard Hugh Fisk desde 2011. Tem experiência na área de Letras (Português/Inglês). Recentemente participou do programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia (MIELT-UEG) como aluno especial na disciplina de Análise de Discurso.

uma mensagem dita frente a frente, incluindo gestos e movimentos, são não verbais. Ignorar esse fato pode fazer com que os problemas comunicativos comumente encontrados em sala de aula se perpetuem.

Compreendemos que a linguagem não verbal, quando assimilada de imediato, pode auxiliar o professor em seu cotidiano, se for percebida e utilizada de forma adequada. Julgamos importante refletir sobre seu uso, a fim de sanar problemas que possam vir acontecer em sala de aula, provenientes da falta de atenção à comunicação não verbal por parte do professor. Objetivamos, ainda, discutir se a percepção da linguagem não verbal pode contribuir para o ensino de línguas.

Nossa pesquisa é de caráter indutivo que se caracteriza por levantar uma hipótese iniciada por teoria e testada por dados (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Partimos da hipótese que problemas como a má utilização do *feedback*, podem aumentar o nível do filtro afetivo, mas podem ser sanados quando o professor se abre para a reflexão destes problemas gravando suas aulas.

Entrevistamos um professor sobre sua prática, a fim de compreender como sua percepção docente sobre a linguagem não verbal como *feedback* não verbal pode ser um meio de redução do filtro afetivo alto. Analisamos o material filmado afim de se ater aos fatores extralinguísticos, ou seja, o conteúdo não verbal que permeiam sua sala de aula, tentando assim solucionar os problemas que emergirem.

Segundo Penny Ur (1999 *apud* Rosa, 2014), “*Feedback* é uma informação que é dada ao aprendiz sobre uma tarefa de aprendizagem, geralmente com o objetivo de melhorar seu desempenho”. E, de acordo com Paiva (2002 *apud* ROSA, 2014), é a reação ou ausência de alguma ação com o objetivo de avaliar o processo de ensino aprendizagem. Em ambos os casos, o *feedback* será a informação que o professor retira do comportamento do aluno durante a aula, e que será útil para o professor conduzir, modificar e adaptar as tarefas àquela aula específica, com a intenção de melhorar o aprendizado dos alunos.

Diante da definição à luz da teoria comunicativas estudada por Brown (2001) o *Feedback* funciona também a partir da posição de aluno. Assim como o professor se adapta a informação repassada pelo comportamento do aluno, o aluno também se adapta a informação repassada pelo comportamento do professor. Por si só, estes sinais não são negativos ou positivos. Mas, sua interferência pode ser consideradas positivas ou negativas de acordo com o contexto da aula.

Brookhart (2008) afirma que o objetivo do *feedback* é ser eficaz para a aprendizagem. Contudo, ressalta que é preciso termos em mente que nem todo *feedback* proporciona melhoria na aprendizagem. O *feedback*, entre tantas outras funções, deve assumir papel importante na aprendizagem do aluno. Mas, para que isso aconteça, é preciso que o professor deva estar atento às tipologias e às funções desse elemento em conversas em sala de aula com seus discentes. O que define a efetividade dessa comunicação, ou seja, se o professor terá o *feedback* necessário para o bom andamento de sala de aula é justamente o conceito conhecido como filtro afetivo.

Filtro Afetivo, como definido por Krashen (1982, 1987 *apud* BROWN, 2001), é um termo utilizado para resumir todos os fatores externos a sala de aula e até mesmo as emoções internas dos alunos, que podem afetar o aprendizado do aluno e a efetividade da aula, mas que o professor não tem controle direto sobre. Quando se fala em filtro afetivo, geralmente se utiliza classificações como baixo filtro afetivo e alto filtro afetivo, pois por ser um fator emocional, não é possível realmente “desligá-lo”. O objetivo do Professor, ao se trabalhar com tal fenômeno, é manter o filtro afetivo baixo, pois assim garantirá uma maior receptividade do aluno quanto à aquisição da língua.

Quando se diz que um aluno demonstra um Alto filtro afetivo, isso quer dizer que a mente do aluno está passando por situações ou emoções fortes o bastante para que, mesmo em sala de aula, o aluno não consiga absorver o conteúdo sendo mostrado. Essas emoções funcionam como um filtro, impedindo o conteúdo de chegar ao aluno. No outro extremo, um baixo filtro afetivo, indica que praticamente não existe nenhuma situação ou emoção entrando em conflito com o aprendizado.

O próprio Krashen comenta que um filtro afetivo alto sozinho não é um fator determinante, mas que com certeza atrapalhará a aprendizagem, pois impede o aluno de trabalhar eficientemente o conhecimento sendo ensinado. Um bom começo para identificar o que afeta o filtro afetivo do aluno são os chamados princípios afetivos.

Existem quatro princípios afetivos que se deve ter em mente em sala de aula: o Ego linguístico, Autoestima, o Arriscar e a conexão língua-cultura¹ (BROWN, 2001). O Ego linguístico é resumido como sendo um novo modo de pensar e agir, praticamente, uma segunda identidade, que pode facilmente criar uma sensação de fragilidade e manter o aluno na defensiva. Estas sensações ocorrem por um motivo muito simples: ao aprender uma nova

¹ Tradução própria dos termos, respectivamente: *Language Ego*, *Self-confidence*, *Risk Taking* e *Language-Culture Connection*. (*Teaching by Principles*, 2001, p. 61-64).

língua, os estudantes perdem uma série de ferramentas que eles desenvolveram em suas línguas maternas, ficando desamparados em situações que de outra maneira lidariam com naturalidade. Isso se faz notar mais claramente em adultos, que em suas línguas maternas dialogam e se desenvolvem com naturalidade, mas ao aprender reverterem a níveis infantis.

A Autoestima está no coração do aprendizado: ela é a crença do próprio aluno de estar preparado para cumprir aquela tarefa e assim medir seu progresso no aprendizado da língua. Se a autoestima envolve a crença de que o aluno consegue realizar uma tarefa, um passo além é a capacidade de desafiar essa crença e tentar algo mais difícil ou não testado. É essa habilidade que é definida como *Arriscar* (*Risk taking*, no original em inglês). Alunos precisam estar dispostos a se tornar “apostadores” no jogo da linguagem e tentar produzir e interpretar linguagens que estão um pouco além de sua certeza absoluta.

O último princípio afetivo lida com um aspecto secundário do aprendizado de língua, que por mais que seja importante não afeta diretamente os fenômenos abordados por este trabalho: ao ensinar uma língua estrangeira, o professor também está ensinando a cultura da língua alvo (BROWN, 2001). Esse princípio é simples, mas de grande profundidade para o ensino da língua, pois ajuda o professor a ter noção do nível inicial do filtro afetivo de seus alunos e com que facilidade eles vão aceitar a nova língua. A extensão deste processo conhecido como **aculturação** vai variar com o contexto e os objetivos do aprendizado.

É interessante notar que os princípios delineados se mantêm ainda no universo de sala de aula: todos eles estão sob o controle do professor e, com o devido planejamento prévio, são possíveis de serem superados. Um bom plano de ação em sala de aula, juntamente de planejamento prévio, consegue lidar com boa parte dessas situações, mantendo o filtro afetivo baixo.

Linguagem não verbal é toda mensagem que não utiliza a fala para ser comunicada. O discurso não verbal que nos interessa se restringe ao corpo. Estes elementos não verbais provenientes do corpo são divididos em canais não verbais. Os canais são as partes do corpo que comunicam sozinhas e em conjunto com outras partes. São elas: o olhar, a face, os gestos, a postura e a distância interpessoal.

Através do olhar consegue-se perceber a intenção da pessoa, ou fazer-se ouvido. Segundo Silva (2002), conseguimos regular o fluxo da conversa a partir do olhar. Pode-se reprovar atitudes, demonstrar interesse e trocar sentimentos. Pode ser facilmente utilizado em sala de aula como um meio de transmitir um *feedback* positivo com um olhar de admiração ou um *Feedback* negativo dando-se um olhar de reprovação.

Segundo Ekman (2003) nosso cérebro possui autoavaliadores que, diante de diferentes situações, reagem de certa forma a disparar emoções correspondentes a situações que ocorrem. Desta forma, se oferecermos certo estímulo, teremos uma emoção como resposta. Entender essas reações nos ajuda a autoavaliarmos nossa situação emocional, ajudando a escolhermos nossa reação emocional, evitando magoar outras pessoas, além de aumentar nossa empatia pelo outro, evitando ser inconveniente.

Um olhar de interesse por parte dos alunos, no momento em que o professor os auxiliam com a tarefa é um *feedback* não verbal de que a mensagem esta sendo compreendida. Entretanto, quando aos alunos estão boquiabertos, é o indicativo não verbal de que a mensagem não está sendo compreendida.

As expressões faciais também exercem um papel importante nesse contexto, por oferecem *feedback*, de maneira instantânea, se concordam ou discordam do que está sendo dito pelo professor. Ao lidar com essa informação, cabe ao professor reapresentar a tarefa de modo a tornar mais atraente para o aluno, o que muito vezes, necessita apenas de algumas palavras de apoio ou incentivo. Ajuda se o professor conhecer bem o comportamento do aluno para saber quais atitudes o incentivam e quais o afastam, para diminuir bastante o filtro afetivo do aluno e motivá-lo a arriscar mais durante as aulas e melhorar o processo aprendizado.

Linguagens gestuais são caracterizadas pelos mesmos princípios que as linguagens faladas, isto é, possuem as mesmas regras e leis, tais como estruturas morfológicas e sintáticas (GOLDIN-MEADOW, 1999). Porém, há uma diferença entre os dois tipos: a linguagem que utiliza gestos depende de contrastes espaciais, já a fala utiliza um discurso linear não espacial.

Os gestos que acompanham o discurso são utilizados para diferenciar o concreto do abstrato. Os gestos acompanham o discurso por expressarem ideias que seriam difíceis ou até mesmo impossíveis de serem expressas pela fala, e permitem que o falante represente ideias miméticas e de formato analógico. No caso analisado, durante uma aula, o aluno utilizou de gestos para pedir explicação em relação ao movimento de um veículo. Ao tentar explicar uma situação em que o veículo em questão tinha problemas com o câmbio de marcha, o professor demonstra para o aluno, através de gestos, não apenas um movimento de mudança de câmbio, mas o movimento de uma mudança com defeito, que acompanha a explicação da situação. O sucesso dessa explicação é confirmado pela reação do aluno logo em seguida, ao “ignorar” o professor para esclarecer sua posição para os outros colegas do grupo. Assim, o resultado do *feedback* foi positivo, uma vez que houve assimilação de conhecimento pelo aluno.

A distância pessoal influencia a intensidade da comunicação dentro de uma relação. Segundo Caswell e Neil (2003) quanto mais perto dos alunos o professor se posicionar, o aluno se sentirá mais acolhido ou mais criticado. Desta forma deve se ter consciência de qual distância adotar de acordo com a situação. Um professor pode se utilizar da proximidade com os alunos como uma maneira de deixá-los mais à vontade. Isso pode ser visto como uma forma de encorajar o aluno, diminuindo o filtro afetivo e os incentivando a correr riscos e trabalhar mais com o conteúdo, aumentando a eficiência da aula.

De acordo com Caswell e Neil (2003) a postura indica qual seria a intenção da pessoa em uma relação. Se inclinar para frente perante outra pessoa enquanto conversa, indica grande envolvimento, e interesse no assunto aparentando se mais agradável. Já se afastar comunica o oposto. Em sala de aula o professor deve se atentar a postura que esta comunicando, e as que seus alunos adotam.

Uma postura mais relaxada do aluno pode demonstrar descaso com a matéria. Já quanto mais inclinado para frente o aluno estiver maior é o nível de interesse dele. A postura também pode demonstrar o nível de energia da pessoa, e se ela está segura de si naquele momento. É interessante notar que ambos os casos são indicadores clássicos do nível de filtro afetivo do aluno em relação ao objeto: Curvar é uma ação para ficar mais próximo do objeto (nesse caso, a tarefa) e querer essa proximidade é um sinal de que o aluno está genuinamente interessado, seja ela o exercício em si ou a matéria. É justamente nesta situação que o professor pode considerar que o filtro afetivo está em seu nível mais baixo, com pouquíssima interferência no conteúdo. Já se o aluno está se afastando do objeto de estudo, tomando uma posição mais relaxada, pode indicar desinteresse, um filtro afetivo mais alto. Para fazer com que o aluno “volte” a aula, será necessário um estímulo mais forte, já que o primeiro passo é chamar a atenção dele para os eventos em sala de aula, ou seja, abaixar o nível do filtro afetivo.

Uma forma utilizada por professores em formação, segundo Okon (*apud* BARROS FILHO, 2012, p. 26), é o *Microteaching* que se caracteriza em “uma base de dados de intervenção para análise das habilidades do professor em treinamento. Tipicamente a aula é gravada e a gravação serve como dado empírico para estudo futuro”.

Basicamente, seria gravar as aulas e fazer análise dos vídeos, observando assim a posição do professor perante a sala, aparência, vestimentas, corpo e mãos, seus movimentos em sala de aula, contato ocular com a turma, entre outros. Agindo dessa forma, segundo o

autor, os professores em formação não demoram a notar que o conteúdo não verbal existente em sala de aula exerce papel diferencial dentro de sala.

Muito do que foi discutido até então depende da própria percepção do docente em relação a sua turma, sua prática, quais ferramentas estão à disposição e quais a relação dos seus alunos com o ambiente de sala de aula. Essa última ressalva tem uma relação muito forte com a percepção social da matéria conforme o próprio professor entrevistado apontou:

ENTREVISTADO: é que eles acham o inglês uma língua muito difícil de ser aprendida e aqui a gente trabalha com inglês instrumental né... uma vez que o propósito é preparar para ENEM, para universidade, só que tem que passar pelo processo seletivo do vestibular também. Então por eles trazerem essa dificuldade deles, eles criam uma barreira... né então as vezes dificulta.

É possível interpretar essa fala da seguinte maneira: *Na minha sala de aula, o preconceito com a língua inglesa e o foco demasiado nas avaliações contribui para aumentar o nível do filtro afetivo da turma.* O professor até mesmo reconhece o filtro, conscientemente ou não, ao comentar que os alunos “criam uma barreira”. Observemos agora como o professor trata o *feedback* em sala de aula:

ENTREVISTADOR: Você também emite *Feedback* aos seus alunos?

ENTREVISTADO: Sim, com certeza. Através de Elogios, através de recados que eu deixo em provas entendeu, e a todo momento eu [estou] andando em sala de aula conversando com eles, “não... não é assim”, “muito bem parabéns”, dessa forma.

Assim como o professor entrevistado, o natural para a maioria dos professores é considerar estes comportamentos como sendo *feedback* positivo, em alguns casos o único tipo de *feedback* positivo. O que escapa muitas vezes, é que o filtro afetivo é uma resposta emocional, individual e subjetiva. Isso quer dizer que o que funciona com um grupo pode não funcionar com outro, porque variam as pessoas e os sentimentos produzidos na ação. Um mesmo recado em uma prova pode ser interpretado pelo aluno como sendo um sinal de sucesso, algo a ser ignorado, ou um sinal de que tem algo errado. O que vai indicar para o professor a verdadeira natureza deste sinal é a linguagem não verbal demonstrada pelo aluno no momento em que ele recebe o *feedback* do professor. O aluno não estará ciente de que está emitindo estes sinais, e é esta a grande diferença das reações dele para com as reações do docente: o professor, neste caso, consegue identificar precisamente os sinais e, com isso, agir

conscientemente de acordo, o que certamente lhe permitirá controlar o resultado da interação com o objetivo de melhorar a autoestima do aluno e a eficiência da aula.

Felizmente, existe uma técnica à disposição dos professores que tem uma grande taxa de sucesso em aumentar a autoestima dos alunos: as dinâmicas lúdicas. E em grande parte das vezes, elas envolvem mímica e comunicação por gestos. O uso de Linguagem não verbal e mímicas podem auxiliar bastante que o aluno processe aquela língua de maneira similar aos nativos da mesma. Neste ponto é interessante que o professor tenha noção do processo de aculturação que está ocorrendo em sala, e chamar a atenção do aluno caso o gesto e mímica utilizados seja de caráter ofensivo na cultura alvo.

Como já vem sendo discutido, o processo de aprendizagem está ligado diretamente à autoestima do aluno, o que faz deste processo uma dimensão emocional, tanto para o professor quanto para o aluno. Devido a esta natureza, muitas vezes é difícil a percepção de certos sinais durante a aula em si. Neste estudo, utilizamos de gravações feitas em sala de aula. Gravações como estas, feitas pelo próprio professor com devidas autorizações. Podem ser uma ferramenta útil para que o próprio docente consiga analisar sua performance e quaisquer problemas que possam ter escapado a atenção durante a aula em si. O próprio professor entrevistado está ciente, como mostra o seguinte comentário:

ENTREVISTADOR: Após ver as imagens você considera o ambiente de sala de aula rico não verbalmente?

ENTREVISTADO: Com certeza. É um ambiente rico [tanto dentro] como fora também a gente pode notar que é rico dentro principalmente, porque a questão da relação ali é bem tensa, entre professor e aluno, aluno-aluno.

Conforme o professor relata, ao visualizar sua própria aula pelo ponto de vista externo da gravação, ele passou a ter uma percepção melhor das tensões existentes dentro de sala de aula, tanto entre ele mesmo e seus alunos quanto entre os próprios alunos. Uma vez que essa análise é feita num momento posterior, ou seja, sem a influência das emoções envolvidas no processo, o professor pode analisar com mais detalhes e escolher o melhor curso para as próximas aulas, tendo noção das dificuldades presentes. O professor deve ser flexível a mudar seu planejamento conforme percebe a reação do mesmo sobre seus alunos, a fim de se obter uma aula onde os alunos sejam mais receptivos, ou seja, o filtro afetivo esteja baixo. Ter a percepção que ações espontâneas durante a interação em sala não está ocorrendo bem e ter que mudá-las; porém, ter consciência desses fatores já mencionados não deve ser ignorado, e sim, visto como um convite a mudar a dinâmica da aula. A sala de aula é um

organismo complexo, vivo e em constante mutação. Perceber estes sinais não verbais ajuda o professor a reagir a estas mudanças de forma que ele continue com o controle de sala.

Através de nossa análise de dados, torna-se evidente que ter conhecimento sobre fatores extralinguísticos que não são adquiridos durante a formação acadêmica, tal como a linguagem não verbal, amplia a percepção comunicativa docente quanto ao *feedback* não verbal, o auxiliando a tornar os alunos mais receptivos ao conteúdo sendo ministrado. Nesse sentido, para melhor desenvolvimento do processo, é necessário que o professor esteja ciente do fenômeno descrito como filtro afetivo e de sua constante variação durante o processo de sala de aula, bem como consciente de que mesmo aspectos secundários como aculturação, que devido à própria natureza não influencia diretamente as questões diárias de sala de aula, fazem-se presentes principalmente quando se aborda situações autênticas. Além disso, defendemos a relevância de o professor revisitar e refletir sobre as linguagens não verbais exaladas durante a negociação de significados sociais em sala de aula de língua estrangeira. Afinal, a linguagem não verbal torna-se grande ferramenta para identificar planos de ação durante a aula que podem ser mudados, já que o resultado dessas ações pode oferecer um *feedback* imediato do aluno sobre a aula ou sobre o exercício, além de se poder perceber se o que foi ensinado foi entendido ou não pelo aluno.

Referências

BARROS FILHO, Humberto Moreira. **O som do silêncio: a linguagem não verbal em sala de aula de língua inglesa**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso, 2012. Curso de Licenciatura Plena em Letras Português e Inglês. Universidade Estadual de Goiás. UnU Goiás.

BORELLI, J. D. V. P.; PESSOA, R. R. **Linguística Aplicada e Formação de Professores: convergências da atuação crítica**. Reflexão e crítica na formação de professores de língua estrangeira. Goiânia: Editora UFG, p. 15-30, 2011.

BROOKHART, S. M. **How to Give Effective *Feedback* to your Students**. Association for Supervision and Curriculum Development (ASCD). Alexandria, Virginia, USA: 2008.

BROWN, H. Douglas. **Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy**. Pearson Longman. 2001.

CASWELL, Chris; NEILL, Sean. **Body Language for Competent Teachers**. Routledge, 2003.

FREITAS, Marco Túlio de Urzêda; PESSOA, Rosane Rocha. Rupturas e Continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica. **Calidoscópio**, v. 10, n. 2, p. 225-238, 2012.

EKMAN, Paul; FRIESEN, Wallace V. **Unmasking the Face**: a guide to recognizing emotions from facial clues. Ishk, 2003.

GOLDIN-MEADOW, Susan. **The Role of Gesture in Communication and Thinking**: trends in cognitive sciences. v. 3, n. 11, p. 419-429, 1999.

MEHRABIAN, Albert. **Nonverbal Communication**. Transaction Publishers, 1977.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

ROSA, S. H. D. **O Feedback Oral do Professor de Língua Inglesa na Produção Oral do Aluno**. Disponível em: <http://antares.ucpel.tche.br/poslet/dissertacoes/Mestrado/2003/O_Feedback_oral_do_professor-Sabrina_Rosa.pdf>. Acesso em: out. 2014.

SILVA, Maria Júlia Paes da. **Comunicação Tem Remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. Rio de Janeiro: Loyola, 2002, p. 133.

UR, Penny. **A Course in Language Teaching Practice and Theory Trainee Book**. 9. ed. Cambridge University Press, 1999.